LITERATURA APOCALÍPTICA: DEFINIÇÃO CONCEITUAL E ANÁLISE BÍBLICO-LITERÁRIA.

APOCALYPTIC LITERATURE: CONCEPTUAL DEFINITION AND BIBLICAL-
LITERARY ANALYSIS.

Samuel Caitano¹

RESUMO: Apocalipse é de fato um livro fascinante. Objeto de estudo da Escatologia, não raro é tratado no evangelicalismo de forma meramente especulativa. O que se é ignorado, muitas vezes, é que *Apocalipse* não é meramente um livro; antes, trata-se, na verdade, do clímax de um gênero bíblico-literário específico: a Apocalíptica. Todavia, não apenas o Apocalipse em si, mas a Bíblia como um todo é um livro essencialmente *revelacional, desvelacional* e, portanto, *Apocalíptico*. Assim, a correta compreensão desta categoria literária levará o expoente das Escrituras à descrevê-la tal como ele é – sem especulações e alegorizações exageradas que fogem àquilo que o texto mesmo (divinamente inspirado) quis transmitir aos homens. Destarte, tal temática é assaz relevante à Teologia bíblica e à Igreja contemporânea.

Palavras-Chave: Literatura Apocalíptica. Gêneros literários. Apocalíptica Bíblica.

ABSTRACT: Revelation is indeed a fascinating book. Object of study of eschatology, it is often treated in evangelicalism in a purely speculative way. What is often overlooked is that Revelation is not merely a book; rather, it is actually the climax of a specific Biblical-literary genre: the Apocalyptic. However, not only the Apocalypse itself, but the Bible as a whole is an essentially revelational, disvelational, and therefore apocalyptic book. Thus the correct understanding of this literary category will lead the exponent of the Scriptures to describe it as it is-without exaggerated speculation and allegory that escape what the very (divinely inspired) text wanted to convey to men. Thus, this theme is very relevant to biblical theology and the contemporary church.

Keywords: Apocalyptic Literature. Literary genres. Biblical Apocalyptic.

INTRODUÇÃO

A Bíblia (com toda a sua linguagem e estilos literários) é fundamentalmente um livro *revelacional*. Seus escritos são de cunho historiológicos, não historiográficos. Seu

¹ Escritor, Professor e Coordenador do *Curso para Formação de Líderes e Obreiros* do IBME-Instituto Bíblico Minha Esperança (DF); Fundador do Instituto Bíblico Solus Evangelium; Esp. em Bibliologia e Línguas Bíblicas pelo UNEPOS-União de Estudos e Pós-Graduação (DF); graduado em Enfermagem pelo UDF-Centro Universitário; pastor numa congregação da Assembleia de Deus de Brasília (ADEB) em São Gabriel-GO; membro permanente da AELDF-Academia Evangélica de Letras do DF e do COMEP-Conselho de Ministros Evangélicos de Planaltina-GO. E-mail: scaitano.paz@gmail.com. Site oficial: <https://samuelcaitano.wixsite.com/solusevangelium>. Canal no You Tube: Solus Evangelium. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1634237738520816>.

foco central é a *historia saluts*, i. e., a história da Salvação/Redenção. Portanto, neste sentido, pode-se dizer, acertadamente, que à *Escritura Sagrada* é (quanto ao seu conteúdo) *essencialmente apocalíptica*;² isto porque, no grego, *apokálypsis* (gr. Ἀποκάλυψις) significa, literalmente, “revelação”; “desvelamento”; “ato de tornar descoberto, exposto”; “uma revelação de verdade e/ou instrução concernente à coisas antes desconhecidas”; “manifestação” e “aparecimento”; segundo o *Dicionário Bíblico Strong*.³

Conclui-se, com isso, que a Literatura Apocalíptica (LA) é tão somente *uma dimensão da Revelação* (muito embora sua magnitude escriturística, profética e revelacional perpassa *toda e por toda* à Bíblia Sagrada, de Gênesis à Apocalipse), sendo, por conseguinte, substancialmente *revelacional e/ou desvelacional*.⁴ Apocalíptica, portanto! – uma vez que este gênero literário está sempre vinculado à Revelação de quem Deus é, Sua natureza, Seus atributos, Seus desígnios e etc.⁵ A síntese geral, à vista disso, é que “[...] é a partir da Revelação divina que tudo o mais “faz sentido”. ”⁶

Destarte, é a partir desta perspectiva que se deve trabalhar com este gênero literário, o qual David H. Stern chama-o de “categoria de escritos judaicos”⁷ e Michael Wilcock de “classe da literatura judaica”.⁸ No entanto, como se sabe, a LA não é uma exclusividade do povo judeu. Há caracteres da LA presentes em várias outras culturas pagãs antigas, à exemplo dos povos egípcios, babilônicos e sírios que, inclusive, se reverberam pelos livros *Apócrifos* e *Pseudoepígrafes* e até mesmo *em e por* textos

² Nas palavras do Dr. Ricardo de Almeida, “a Escritura é um livro apocalíptico com várias formas de análise”. Frase dita durante a aula de *Literatura Apocalíptica* aos alunos de Pós-graduação do curso de Bibliologia e Línguas Bíblicas da União de Estudos e Pós-Graduação (UNEPOS), em Dezembro de 2018.

³ STRONG, James; LL. D.; S. T. D. **Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. Disponível em: <http://www.cenovalianca.com.br/biblia/dicionario_biblico_strong.pdf>. Acesso em 12 de Janeiro de 2019.

⁴ Este ponto é de vital importância e assaz relevância, uma vez que a história da Revelação é dinâmico-progressiva, não linear.

⁵ Portanto, a LA também possui um conteúdo (e caráter) antropológico e teontológico. Aliás, o propósito primário da LA é teontológico em essência, não teofóbico, como vê-se em Mt 17: 7, Mc 9: 6 e Lc 9: 34.

⁶ CAITANO, Samuel. *O Processo Revelacional e Inspiracional do Cânon Sagrado no Contexto Cristológico: uma abordagem soteriológica e eclesiástica, numa conjuntura de práxi cristã*. **Revista de Estudos Pentecostais Assembleianos (REPAS)**, v. 4 (2018). Disponível em: <<http://revista.repas.com.br/index.php/repas/article/view/48/43>> Acesso em 12 de Janeiro de 2019.

⁷ STERN, David H. **Comentário Judaico do Novo Testamento**. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte: Editora Atos, 2008, p. 858.

⁸ WILCOCK, Michael. **A mensagem de Apocalipse: eu vi o céu aberto**. São Paulo: ABU Editora, 2003, p. 8.

específicos do Cânon Sagrado.⁹ Ademais, a LA dos textos judaicos, Apócrifos e Pseudoepígrafes eram escritos com pseudônimos¹⁰ e caracterizados como pseudopoféticos,¹¹ à exemplo da *Assunção de Moisés* (também chamado de *Testemunho de Moisés*), *1º e 4º Enoque*, *4Esdras* e *O Apocalipse de Baruque*.

Porém, deve-se ter em mente que, enquanto as LAs pagãs (e de alguns destes escritos ora citados) tratam especificamente com o elemento lúdico, mitológico e, sobretudo, o especulativo,¹² a LA judaica e, conseqüentemente, a Literatura Apocalíptica Bíblica (LAB), singularizam-se por apontarem sim para uma realidade transcendente, contudo, com objetividade clara para este lado da eternidade; ou seja, nela, há um caráter transcendental e imanente coexistindo textualmente simultaneamente. Neste gênero bíblico-literário, o conteúdo escriturístico é perpassado e transcendido o campo das meras lucubrações imaginativas e alcança à *práxis* cristã.¹³ Está ai então a relevância da LAB à Teologia bíblica e à Igreja como um todo!

George Eldon Ladd diz acerca da LA judaica, que esta literatura constitui-se de “tratados de períodos difíceis”; isto porque, como se vê nitidamente, desde seu estabelecimento enquanto gênero literário, a LA aparece sempre num contexto de crise e “grande tensão social”.¹⁴ Por tal fato, é certo que a LA não é escrita primariamente na intenção de amedrontar os homens com o “fim do mundo”, tal como ela é caricaturada

⁹ Lembre-se que a (s) narrativa (s) bíblica (s) deu-se (deram-se) em meio à diversas culturas pagãs. Logo, não é nenhuma surpresa que elementos destas expressões culturais permeiem o povo de Deus e, conseqüentemente, os textos sagrados produzidos, sem, contudo, representar qualquer deturpação, alteração ou prejuízo inspirativo em termos escriturísticos aos mesmos.

¹⁰ “Por isso, os verdadeiros autores da maior parte das obras apocalípticas são desconhecidos” (DOCKERY, David S [editor geral]. **Manual Bíblico Vida Nova**. [tradução Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs, Robinson Malkomes]. São Paulo: Vida nova, 2001, p. 834). Na verdade, “acredita-se que todos os apocalipses judaicos que foram conservados são pseudinímicos, ou seja, escritos sob nomes de proeminentes personagens israelitas ou judaicas antigas, como Adão, Henoc, Moisés, Daniel, Esdras e Baruc. Só os apocalipses cristãos mais antigos, o Apocalipse de João e o Pastor de Hermas, foram escritos sob os nomes dos verdadeiros autores” (HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. [organizadores]. **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Vida Nova, Paulus, Edições Loyola, 2008, p. 94).

¹¹ Cf. STERN, 2008, p. 858.

¹² Sumariamente, concernente aos inícios da vida e da criação como um todo.

¹³ Em síntese, “A literatura apocalíptica, pois, tem um “propósito presente”.” (CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por versículo**. São Paulo: Editora Candeia. Vol. 6; 10ª Reimpressão, Dezembro de 1998, 1998, p. 351).

¹⁴ ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger (Editores). **Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 1825.

na atualidade por muitos; antes, é escrita para infundir esperança presente,¹⁵ ainda que numa dimensão escatológica.¹⁶

Logo, conhecer as nuances da LA é vital à compreensão clara de livros com algum teor apocalíptico (tais como o *Apocalipse de João*¹⁷, *Daniel*, *Isaias* e *Ezequiel*, p. ex.), bem como a uma exegese e hermenêutica que sejam de fato fiéis às Escrituras e consistente com a mesma.

DISCUSSÃO

Como se sabe, a LA não é um gênero literário recente na história. Com surgimento principalmente entre os anos 200 a.C. à 100 d.C.,¹⁸ esta literatura possui algumas características que lhe são peculiar e lhe caracterizam como tal.

Dentre estas, indubitavelmente, as principais que lhe conferem suas configurações basilares são as seguintes:

1. AMPLO USO DE SÍMBOLOS.

Uma das características da LAB é o fato de ela ser permeada de símbolos, todos com propósitos,¹⁹ não tentando confundir (como popularmente se imagina!), mas, ao

¹⁵ “*Pode-se ver facilmente que, tal como no caso dos apocalipses cristãos, a literatura apocalíptica judaica conservava a necessidade psicológica de "saltar por cima" de um presente difícil, a fim de levar os homens a terem esperança e fé firme de que se cumpriria uma nova era de vitória e realizações espirituais, embora isso não dispensasse grande agonia.*” (CHAMPLIN, 1998, p. 351 – grifos do autor). Ver também ARRINGTON; STRONSTAD, 2003, p. 1826; CARSON, D. A.; FRANCE, R. T. MATYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 2127.

¹⁶ Cf. p. ex.: 1Ts 4: 16-18. Perceba que, nesta passagem, a *Parusia* cristológica é ainda uma esperança e um evento futuro. Todavia, no versículo dezoito (v. 18), Paulo é enfático em afirmar que, apesar desta dimensão escatológica claríssima no texto, o evento em si traz sim esperança já no presente, no aqui e no agora, *neste e deste* lado da eternidade...

¹⁷ “Ao pé da letra”, o Apocalipse é de Jesus Cristo, não de João como se convencionou popularmente chamá-lo (cf. Ap 1: 1a).

¹⁸ Cf. WILCOCK, 2003, p. 8.; TENNEY, Merrill C. (Organizador Geral). **Enciclopédia da Bíblia**. Vários autores; tradução da Equipe de colaboradores da Cultura Cristã – São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 989; OSBORNE, Grant R. **Apocalipse: comentário exegético**. Tradução de Robinson Malkomes, Tiago Abdalla T. Neto. – São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 16. Champlin sugere uma outra data: “[...] o período dos escritos apocalípticos entre 165 A.C. e 120 D.C.” (1998, p. 351). O *Dicionário de Paulo e suas Cartas* estende esta data de 200 a.C. à 100 d.C para 200 a.C. à 200 d.C. (cf. HAWTHORNE; MARTIN; REID, 2008, p. 94). Segue-se, portanto, que esta data não é um um censo entre os estudiosos e nem uma questão totalmente fechada, apenas aproximada.

¹⁹ A LA aponta para uma finalidade última, sempre dentro da dimensão revelacional-redentiva do Reino. Como sublinha Tenney, na LA existe uma “unidade da [e na] história e de um objetivo em direção ao

contrário, esclarecer; e todos eles são compreensíveis para os indivíduos daquele contexto histórico imediato e específico.²⁰

Deve-se frisar ainda que, na maioria esmagadora dos casos, os simbolismos da LA aparecem por meio de visões e revelações dadas pelo Senhor ao interlocutor humano (p. ex., o profeta de Deus). Logo, ambas as características estão associadas intrinsecamente na LAB.²¹

2. UMA DIMENSÃO ESCATOLÓGICA.

“Toda literatura apocalíptica é escatológica”, afirma Champlin. Não obstante, o referido autor pondera: “Nem toda literatura escatológica [...] é apocalíptica.”²² É nítido, portanto, que os *apocalipses* apresentem um certo pessimismo concernente à era presente e um grande otimismo em relação à era vindoura, contrastando assim esta era maligna com a era escatológica.²³

Neste aspecto, figura-se aqui o fato de esta dimensão escatológica desenvolver e perpetuar a ideia de vida após à morte, o que faz parte, teológica e doutrinariamente falando, de um dos pilares centrais da fé cristã e caros ao Evangelho bíblico, a saber, a plena certeza da ressurreição dos justos e julgamento final dos ímpios (2Co 5: 8; Fp 1: 23; Sl 96: 13; Dn 7: 9-10; 12: 2-3; Ap 20: 11-15; Ec 12: 14; Hb 9: 27-28).

Por este característico próprio da LA, a melhor forma para entender este gênero é vê-lo “como sendo uma intensificação da profecia”, afirma G. K. Beale,²⁴ muito embora não se deva jamais confundir ambos os estilos.²⁵

qual a história se move” (2008, p. 992). Por isso é que, mesmo quando o *juízo* (um dos elementos centrais da LA) é englobado nos escritos da LAB, há sempre “um quê” de esperança, pelo fato de sempre haver um chamado à Graça de Deus pelo viés do arrependimento. Aliás, a Graça e a Justiça são os dois fios condutores de toda à Escritura, ou seja, estas duas temáticas caminham paralelamente nela e perpassam toda ela.

²⁰ Por isso é que, na LAB, além do protagonismo exercido pelos elementos simbólicos (numerologia, alusões à mitologia, referência à animais místicos, etc.), há também (e com bastante ênfase) os elementos e conteúdos próprios da realidade.

²¹ Cf. CARSON, *et al.*, 2009, p. 2127.

²² CHAMPLIN, 1998, p. 351.

²³ TENNEY, 2008, p. 992. Ver também HAWTHORNE; MARTIN; REID, 2008, p. 94; e OSBORNE, 2014, p. 14.

²⁴ BEALE, G. K. **Brado de Vitória**. [traduzido por Paulo Sérgio Gomes] São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 4.

É digno de nota que esta dimensão escatológica da LA, necessariamente, conduz o leitor à soberania divina. Assim, a LAB mostra que Deus está no controle de tudo e que Ele preenche a tudo e à todos.²⁶ Ele é soberano sobre toda a criação (Is 43: 13; Jó 42: 2; Dn 2: 21; Lc 1: 37; Rm 11: 33-36; At 14: 15-17; 17: 24-25; Is 42: 5; Sl 136: 25; 145: 9, 14-16; Sl 107: 8; 15; 21; 31; Is 55: 8-9; 66: 1a) – mesmo que não O queiramos em nossa própria vida – e governa apesar do aparente e momentâneo triunfo do mal. Deste modo, em suma, “a chave-hermenêutica para se interpretar a LAB é a soberania de divina.”²⁷

Não obstante, por vezes, a escatologia é tratada nos círculos evangélicos de forma meramente especulativa. Porém, a correta compreensão da LA leva o expoente das Escrituras à apenas (e tão somente) descrevê-la. Neste aspecto, a despeito dos simbolismos e grande “tentação/curiosidade” que tem-se para se saber o que querem dizer, o fim último mesmo de seus respectivos conteúdos escriturísticos apontam para a vitória final de Deus e a implantação definitiva de Seu Reino. Por isso, não é exagero afirmar que “a LA põe-nos em nosso lugar dentro do conteúdo revelacional-redentivo no âmbito do Reino.”²⁸

3. INTEGRALIDADE AMBIENCIAL.

A ambiência da LA não separa e nem dicotomiza os mundos; antes, interconecta-os, junta-os e integra-os ao tratar da realidade plena do Reino dos Céus, i. e., de toda a dimensão do domínio cósmico do Reino.²⁹ Isto implica em dizer que aquilo que chamamos de *espiritualidade e materialidade, celeste e terreno, espiritual e carnal...* coexistem juntos e simultaneamente na LAB.

²⁵ “a profecia tem a tendência de ser oracular, ao passo que a apocalíptica é visionária; a profecia tem certo tom de otimismo (se a nação se arrepender, não haverá julgamento), mas a apocalíptica tende a ser pessimista (a esperança está no futuro e não no presente). Ambas, porém, tem como centro a ideia de salvação para o fiel e juízo para o infiel” (OSBORNE, 2014, p. 14).

²⁶ ARRINGTON; STRONSTAD, 2003, p. 1826.

²⁷ Os escritos apocalípticos são “[...] caracterizados pela tendência a enxergar a realidade da perspectiva da soberania divina” (HAWTHORNE; MARTIN; REID, 2008, p. 94).

²⁸ Frase dita pelo Dr. Ricardo de Almeida durante a aula de *Literatura Apocalíptica* aos alunos de Pós-graduação do curso de Bibliologia e Línguas Bíblicas da UNEPOS, em Dezembro de 2018.

²⁹ Daí a relevância do alerta paulino em 1Co 15: 19: “Se esperarmos [ou pensarmos] em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis [ou infelizes] de todos os homens.”

Logo, ir à Escritura com uma visão bipartida e dicotômica, é simplesmente um grande equívoco que, deve-se frisar, necessita ser evitado a fim de manter-se a pureza do Evangelho de Cristo e preserva-se de erros teológico-doutrinário ou mesmo de heresias danosas à fé cristã genuína.

Ademais, uma das claras implicações deste caractere da LA é a quase impossibilidade (hermenêutica e exegeticamente falando) de se literatizar totalmente estes escritos; uma vez que os ambientes estão integrados e não há nenhuma preocupação temporal e cronológica de se datar os eventos da narrativa. Assim, querer torná-los literais irá, no mínimo, gerar graves problemas hermenêuticos.

Em síntese, como bem resumiu o Dr. Russel Shedd, a LA “é esotérica no caráter, literária na forma, simbólica na linguagem e pseudônima na autoria.”³⁰ Observar, portanto, estas características da LAB (que não são meros pormenores irrelevantes!) conduzirá o expoente a ser, na ótica divina, genuinamente “o anjo da Igreja”³¹ dos e nos dias atuais – para usar uma linguagem própria do Apocalipse.

CONCLUSÃO

Que o livro de Apocalipse é fascinante não é nenhuma novidade. O que talvez o seja para muitos (a grande maioria dos leigos) é que a compreensão deste livro canônico fica deveras prejudicada em caso da não compreensão ou total desconhecimento de seu gênero literário mais proeminente³²: a LA.

³⁰ TENNEY, 2008, p. 992.

³¹ À luz de Ap 2: 1, 8, 12, 18; 3: 1, 7 e 14, vê-se que os pastores das igrejas são denominados de “anjo da igreja”. Porém, ao contrário do que imagina a maioria das pessoas, anjo não é um ser lúdico, translucido, resplandecente e cheio de asas. Antes, à luz do termo grego *aggelos* (gr. ἀγγέλω lê-se *ángelos*), significa, literalmente, “mensageiro” (cf. Mt 1: 20; Lc 1: 28; 22: 43; Ap 2: 1, 8, 12, 18; 3: 1, 7, 14). Portanto, na perspectiva bíblica, um pastor só pode ser um/o “anjo da Igreja” se, e apenas se, o mesmo exercer fielmente sua tarefa e responsabilidade de mensageiro de Deus, ou seja, de transmissor dos oráculos querigmáticos (mensagem) de Deus à Sua *Ekklesia*. À parte disto, pode-se falar em impostor, jamais de pastor!

³² Diz-se “gênero literário mais proeminente” porque no livro de Apocalipse também encontra-se outros gêneros literários, tais como o epistolar (próprio de cartas) presente nos capítulos 2 e 3, p. ex. Porém, o que se deve estar claro é que o Apocalipse não é meramente um livro, antes, é um gênero literário (a Apocalíptica).

Assim, compreender tal categoria literária desde sua definição conceitual até uma análise bíblico-literária mais profunda, é vital e imprescindível para uma correta e fiel abordagem hermenêutica-exegética do texto bíblico escrito neste estilo. Livros como o *Apocalipse de João, Daniel, Isaías e Ezequiel*, p. ex., possuem algum grau de *apocalípticismo*, ora sobre-eminente, ora sub-eminente. Porém, é no *Apocalipse de João* que encontra-se o ápice e clímax da LAB. Compreender-se então a LA antes de tentar-se interpretar a tais livros propriamente dito, é pré-requisito à correta interpretação dos mesmos.

Deste modo, como ficou-se bem patente aqui, tal temática é assaz relevante aos pregadores que querem ser (e manter-se) *bíblicos* neste tempo de superficialidades de conteúdo e fluidez pragmático-relativista.

Concluindo, que o mesmo *espírito apocalíptico* que “dominava a igreja primitiva”³³, possa também caracterizar à Igreja contemporânea. Maranata! Ora vem Senhor Jesus (Ap 22: 20). Amém.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger (Editores). **Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
2. BEALE, G. K. **Brado de Vitória**. [traduzido por Paulo Sérgio Gomes] São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
3. CAITANO, Samuel. *O Processo Revelacional e Inspiracional do Cânon Sagrado no Contexto Cristológico: uma abordagem soteriológica e eclesial, numa conjuntura de práxi cristã*. **Revista de Estudos Pentecostais Assembleianos (REPAS)**, v. 4 (2018). Disponível em: <<http://revista.repas.com.br/index.php/repas/article/view/48/43>> Acesso em 12 de Janeiro de 2019.
4. CARSON, D. A.; FRANCE, R. T. MATYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.
5. CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo**. São Paulo: Editora Candeia. Vol. 6; 10ª Reimpressão, Dezembro de 1998.
6. DOCKERY, David S [editor geral]. **Manual Bíblico Vida Nova**. [tradução Lucy Yamakami, Hans Udo Fuchs, Robinson Malkomes]. São Paulo: Vida nova, 2001.

³³ Esta é uma referência clara à altíssima expectativa quanto a *Parusia* cristológica presente na Igreja primitiva.

7. HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. [organizadores]. **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Vida Nova, Paulus, Edições Loyola, 2008.
8. OSBORNE, Grant R. **Apocalipse: comentário exegético**. Tradução de Robinson Malkomes, Tiago Abdalla T. Neto. – São Paulo: Vida Nova, 2014.
9. STERN, David H. **Comentário Judaico do Novo Testamento**. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte: Editora Atos, 2008.
10. STRONG, James; LL. D.; S. T. D. **Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. Disponível em: <http://www.cenovalianca.com.br/biblia/dicionario_biblico_strong.pdf>.
11. TENNEY, Merrill C. (Organizador Geral). **Enciclopédia da Bíblia**. Vários autores; tradução da Equipe de colaboradores da Cultura Cristã – São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
12. WILCOCK, Michael. **A mensagem de Apocalipse: eu vi o céu aberto**. São Paulo : ABU Editora, 2003.